

HÉRACLES E O HEROÍSMO NAS ARGONÁUTICAS DE APOLÔNIO DE RODES

Fernando Rodrigues Junior^a

RESUMO

Este artigo discute a inserção de Hércules nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodas e como isso se relaciona à questão do heroísmo. Serão confrontadas as caracterizações divergentes de Jasão e de Hércules, com o objetivo de discernir qual dos dois mais adequadamente ocuparia a função de líder da expedição e seria, por consequência, considerado o melhor dos argonautas.

PALAVRAS-CHAVE: *Argonáuticas*; Apolônio de Rodas; heroísmo.

Recebido em: 27/10/17

Aprovado em: 02/03/18

Ao final da expedição, quando passam por Creta e entram no mar Egeu, os argonautas são surpreendidos por uma escura noite que surge no horizonte. Os homens desconhecem onde se encontram e acreditam navegar em pleno Hades. A reação de Jasão, o líder da tripulação, é adequada ao seu modo de agir durante toda a viagem em busca do velocino, pois ele ergue as mãos para o alto e endereça uma invocação a Apolo, enquanto verte lágrimas.¹ Esta cena, narrada por Apolônio em *Argonáuticas* 4. 1694-1705, en-

^a Professor Doutor de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹ Subitamente, ao navegarem sobre as profundas águas / de Creta, assustou-os a funesta noite que chamam / de tenebrosa. As estrelas não eram perceptíveis, nem / o brilho da lua, mas havia um negro abismo no céu / ou outra forma de escuridão oriunda do profundo Báratro. / Eles nem mesmo sabiam se eram transportados / no Hades ou sobre as águas, mas confiaram

contra paralelo em *Iliada* 17. 645-47, quando Zeus envolve o campo de batalha com uma espessa neblina e infunde o temor no coração dos aqueus. Ájax pede imediatamente a interferência de Zeus e lhe roga que dissipe a escuridão para os gregos poderem, ao menos, morrer às claras, se essa é a vontade do deus.²

Embora haja diferenças de contexto, o contraste entre as duas cenas ilustra, de modo breve, diferentes modalidades de ação heroica. Pseudo-Longino (*Sobre o Sublime* 9. 10) considera essa passagem da *Iliada* como exemplo de grandeza heroica (τὰ ἡρωικὰ μεγέθη). Segundo o autor, pedir para viver seria baixo demais a um herói, de modo que ele simplesmente implora pela luz para poder exercer sua bravura em combate. Em consonância com este raciocínio, o escólio da *Iliada* afirma que Ájax age de modo μεγαλοφρόνως, ou seja, com grandeza de espírito. Jasão, por sua vez, agiria de modo completamente oposto, reclamando pela própria vida enquanto vertia lágrimas. Ainda segundo Pseudo-Longino 9. 11-12, o emprego do lamento e da comiseração associados aos heróis é explorado na *Odisseia* em virtude do declínio da genialidade de Homero. Portanto, se a *Iliada* é repleta de descrições de combates, a *Odisseia* se concentra em narrar histórias.³ Apressadamente poderíamos concluir, com

ao mar o retorno, / pois eram incapazes de saber aonde os levava. Então Jasão / erguia suas mãos e invocava Febo em alta voz, / solicitando socorro. Por estar aflito, ele vertia / lágrimas. Prometeu levar muitos dons a Pito, / muitos a Amiclas, muitos a Ortígia, incontáveis.

αὐτίκα δὲ Κρηταῖον ὑπὲρ μέγα λαῖψμα θεόντας / νύξ ἐφόβει τήνπερ τε κατουλάδα κικλήσκουσιν / νύκτ' ὀλοήν· οὐκ ἄστρα δίσχανεν, οὐκ ἄμαρναί / μήνης, οὐρανόθεν δὲ μέλαν χάος, ἠδέ τις ἄλλη / ὠρώρει σκοτὴ μυχάτων ἀνιοῦσα βερέθρων· αὐτοὶ δ' εἴτ' Αἶδη εἶθ' ὕδασιν ἐμφορέοντο / ἠεῖδεν οὐδ' ὄσσον, ἐπέτρεψαν δὲ θαλάσση / νόστον, ἀμχανέοντες ὅπη φέροι. αὐτὰρ Ἴησων / χεῖρας ἀνασχόμενος μεγάλη ὀπί Φοῖβον ἀτεί, / ῥύσασθαι καλέων, κατὰ δ' ἔρρεεν ἀσχαλόωντι / δάκρυα· πολλὰ δὲ Πυθοῖ ὑπέσχετο, πολλὰ δ' Ἀμύκλαις, / πολλὰ δ' ἔς Ὀρτυγίην ἀπερείσια δῶρα κομίσειεν. (Arg. 4. 1694-1705). Todas as traduções das *Argonáuticas* citadas nesse artigo são de minha autoria, a partir da edição de Fränkel indicada na bibliografia.

² Zeus pai! Salva da escuridão os filhos dos Aqueus: / torna o ar límpido e concede-nos que vejamos com os olhos! / Mata-nos antes às claras, visto que tal é a tua intenção.

Ζεῦ πάτερ ἀλλὰ σὺ ῥῦσαι ὑπ' ἠέρος ὕιας Ἀχαιῶν, / ποίησον δ' αἰθρην, δὸς δ' ὀφθαλμοῖσιν ἰδέσθαι· / ἐν δὲ φάει καὶ ὄλεσσον, ἐπεὶ νύ τοι εὐαδεν οὕτως. (Il. 17. 645-47). Tradução de Frederico Lourenço.

³ Segundo Pseudo-Longino, essa predisposição para narrar histórias é própria da velhice. O autor conclui que a *Iliada* foi composta no auge da inspiração, ao passo que a *Odisseia* seria uma continuação sem o mesmo fôlego demonstrado previamente. “Por isso, na *Odisseia*, Homero pode ser comparado ao sol poente, quando mantém a grandeza, mas sem intensidade.”

base na leitura de Pseudo-Longino, que Jasão representa um tipo de heroísmo de tradição odissíaca marcado pela baixaza. No entanto, tal conclusão se mostra errônea ao observamos seu *modus operandi* durante os quatro cantos das *Argonáuticas*. O heroísmo de Jasão não deve ser questionado tomando como modelo determinadas figuras presentes na *Iliada*, tais como Ájax ou Aquiles. O modo de ação da personagem é adequado ao contexto criado pelo poeta, de modo que o comportamento heroico não pode ser considerado unívoco em todas as situações, mas dependente da tradição na qual o poema se insere e das circunstâncias com as quais as personagens interagem.

O tema do heroísmo nas *Argonáuticas* é um dos mais explorados pelos comentadores, resultando em pontos de vista muito divergentes nas últimas décadas. De acordo com Carspecken (1952, p. 102), a epopeia de Apolônio carece de unidade narrativa, pois lhe falta um elemento unificador representado por um herói central. No entanto, Carspecken considera que não seria a intenção de o poeta criar um herói central, mas sim representar todo o grupo de argonautas como protagonista coletivo. O prólogo do poema já deixaria bem clara essa opção, quando o narrador afirma recordar os κλέα φωτῶν e não especificamente os feitos de Jasão destacado somente no oitavo verso.⁴

A leitura de Carspecken teve certo impacto na crítica posterior quanto à abordagem de Jasão, tomado como modelo de anti-heroísmo,⁵ de herói com apelo sexual⁶ ou de “diplomata” trabalhando pela busca do consenso e evitando o uso da força.⁷ Apesar de essas classificações serem, em alguma medida, antagônicas e baseadas em interpretações muito diversas do poema, quase todas reconhecem a posição de Jasão como líder da expedição, e esta indicação

(Pseudo-Longino, *Sobre o Sublime* 9. 13). Tradução de minha autoria, a partir da edição de Russell indicada na bibliografia.

⁴ A expressão κλέα φωτῶν é uma variação da expressão κλέα ἀνδρῶν (*Il.* 9. 189). Segundo Carspecken (1952, p. 111), há um fato relevante para a escolha de φῶς no lugar de ἀνὴρ. O termo ἀνὴρ pressuporia uma origem aristocrática e uma virtude bélica exibida no campo de batalha (*Il.* 16. 270). Já φῶς teria um sentido mais geral e abrangeria todos os mortais (*Il.* 4. 194 e 17. 98). Em *Iliada* 17. 377-78, os dois termos são justapostos sugerindo alguma diferença semântica entre eles.

⁵ LAWALL, 1966, p. 121-69.

⁶ BEYE, 1969, p. 31-55.

⁷ ZANKER, 1979, p. 52-75 e ZANKER, 1987, p. 202-3.

feita por seus pares lhe confere uma condição de destaque em relação aos demais heróis da epopeia.

Prestes a partirem do porto de Págasas, os argonautas são exortados por Jasão a escolherem o líder (*Arg.* 1. 336-40):

Mas caros, é comum o retorno posterior à Hélade
e são comuns a nós as rotas até Eeta;
logo, não hesitando, escolhei agora o melhor
para ser nosso líder, o qual se ocupará de cada detalhe,
como realizar disputas e pactos com os estrangeiros.⁸

O termo empregado por Apolônio para designar o líder é ὄρχαμος, retirado do vocabulário homérico para denotar o chefe de um grupo de homens (cf. *Il.* 2. 837; 6. 99 e 12. 210). No entanto, ὄρχαμος não se limita ao uso marcial, mas também é empregado em qualquer situação de liderança, já que o porqueiro Eumeu é descrito como ὄρχαμος em *Odisséia* 14. 22. Ou seja, a palavra escolhida para nomear o comandante da expedição não se restringe ao contexto bélico, mas possui uma abrangência maior e inclui ambientes contrários à prática guerreira. Jasão especifica que o líder deve ser o melhor (ἄριστος) entre os argonautas. A condição de ἄριστος Ἀχαιῶν é constantemente atribuída a alguns heróis por toda a *Iliada* em virtude de suas façanhas bélicas. Considerar Aquiles o ἄριστος Ἀχαιῶν é um tema iliádico (cf. *Il.* 1. 244 e 412; 16. 271 e 274), mas tal atribuição não lhe é exclusiva. Por ser o líder da expedição que conduziu os gregos até as planícies de Troia, Agamenão é também assim chamado (*Il.* 1. 91; 2. 92 e 580). Igualmente receberam tal designação Ajax (*Il.* 2. 768) e Diomedes, especificamente no livro 5 (*Il.* 103, 414 e 839), quando é narrada sua ἀριστεία.

Essa concepção de excelência seria responsável pela escolha de Héracles como líder da tripulação nas *Argonáuticas*. Após as palavras de Jasão, todos os nautas fitaram o filho de Zeus e o exortaram a comandá-los. Héracles é marca-

⁸ ἀλλὰ φίλοι, ξυνὸς γὰρ ἐς Ἑλλάδα νόστος ὀπίσσω, / ξυναὶ δ' ἄμμι πέλονται ἐς Αἰήταο
κέλευθοι, / τούνεκα νῦν τὸν ἄριστον ἀφειδήσαντες ἔλεσθε / ὄρχαμον ἡμείων, ᾧ κεν τὰ
ἕκαστα μέλοιτο, / νεῖκεα συνθεσίας τε μετὰ ξείνοισι βαλέσθαι. (*Arg.* 1. 336-40).

do por uma força descomunal, fato explorado em inúmeras passagens do canto 1. Podemos citar a luta contra os Nascidos da Terra na ilha de Cízico, empreendida pelo herói sem a ajuda dos demais argonautas (*Arg.* 1. 985-1011). Outra cena destacada seria a competição de remos entre a tripulação antes de desembarcar na Mísia, quando Héracles guia sozinho a nau. Após quebrar seu instrumento, ele desce em terra firme e arranca uma árvore do chão para lhe servir de remo (*Arg.* 1. 1187-1206). Ele, costumeiramente, empreende sozinho suas façanhas, como a conquista dos dríopes (*Arg.* 1. 1211-19) ou o assassinato da serpente guardiã dos pomos de ouro no jardim das Hespérides (*Arg.* 4. 1433-49).

A inserção de Héracles na expedição, no entanto, diverge segundo as diferentes menções a essa narrativa preservadas. Sabemos que em alguns relatos o herói não teria participado (cf. Éforo 70F14 Jacoby) ou teria abandonado a viagem durante o percurso. Para Antímaco de Colofão (fr. 69 Matthews), ele teve de deixar a empreitada por conta do peso excessivo que exercia sobre o navio. A mesma versão foi relatada por Ferecides (3F11 Jacoby), Aristóteles (*Política* 1284a22-5) e Apolodoro (*Biblioteca* 1. 9. 19). Por fim, o escoliasta das *Argonáuticas* (Σ 1.1289-91a) informa que Héracles teria chegado à Cólquida, segundo os relatos de Dioniso de Mitilene e Demaretes.⁹ Diante de tantas possibilidades contraditórias, por que Apolônio opta por inseri-lo como membro da tripulação para posteriormente abandoná-lo na Mísia, no final do canto 1?

A lista de argonautas participantes não é fixa, mas possui diferentes combinações de acordo com a versão da narrativa. Píndaro (*Pítica* 4. 171-83) apresenta um catálogo parcial de membros, somente mencionando os filhos dos deuses numa hierarquia baseada na importância dos pais: Héracles, Cástor e Polídeuces (Zeus); Eufemo e Periclímene (Posidão); Orfeu (Apolo); Equião e Érito (Hermes); Zeta e Calais (Bóreas). Mas haveria outros catálogos anteriores a Píndaro, como nos atestam Hesíodo (fr. 63M. W.) e Ferecides (3F26 Jacoby), além da menção, no escólio da *Pítica* 4. 306b, a uma lista de argo-

⁹ Ἀπολλώνιος μὲν οὖν ἀπολελειφθαι φησι τὸν Ἡρακλέα περὶ ἐκβάντα ἐπὶ τὴν Ὑλα ζήτησιν. Διονύσιος δὲ ὁ Μιτυληναῖος συμπεπλευκέναι φησι τὸν ἥρωα τοῖς ἀριστεύουσιν ἕως Κόλκων καὶ τὰ περὶ Μήδειαν συμπεπραχέναι τῷ Ἴάσωνι. Ὁμοίως καὶ Δημαρέτης. (Σ *Arg.* 1.1289-91a).

nautas nos *Cabiros* de Ésquilo.¹⁰ Poucos são os heróis que aparecem em todas as versões. Um exemplo dessas variações seria a presença de Teseu, confirmada em alguns relatos, mas, em virtude da cronologia de eventos estruturada por Apolônio, inexistente nas *Argonáuticas*. Durante a expedição, ele estaria preso no Hades com Pirítoos, após tentar capturar Perséfone (*Arg.* 1. 101-4). A necessidade de justificar a exclusão de Teseu nos leva a concluir que a inserção de Hércules é baseada numa estratégia narrativa. Apolônio deveria conhecer a versão do mito reportada por Antímaco e, portanto, para evitar que o peso do herói sobrecarregasse a nau Argo e a fizesse afundar, concedeu-lhe um assento fixo no meio do navio, enquanto os outros argonautas tiveram o lugar definido por sorteio (*Arg.* 1. 394-400). Outra reminiscência ocorre em *Argonáuticas* 1. 531-33, quando Hércules embarca e deposita sua clava no chão enquanto a carena da nau submerge. Evidentemente, a opção de lhe conferir um assento central pressupõe a existência de equilíbrio na nau e, desta forma, alude implicitamente a outras versões do mito nas quais Hércules não pôde participar da missão.

Nas *Argonáuticas*, a presença de Hércules como membro da tripulação se encerra quando os heróis partem da Mísia e não percebem sua ausência, visto que neste momento ele procurava desesperadamente por Hilas. Ao se darem conta do abandono, tem início uma breve discussão somente rompida com a aparição de Glauco, divindade marinha descrita como intérprete do sábio Nereu (*Arg.* 1. 1311). O deus afirma que a vontade de Zeus consiste em Hércules finalizar os trabalhos impostos por Euristeu para, finalmente, poder residir junto aos imortais e se tornar um deles (*Arg.* 1. 1315-20). Além da força sobre-humana, a previsão da apoteose situa Hércules a uma distância considerável em relação aos demais membros da expedição. Trata-se de um herói cujo vigor ilimitado não encontra oponentes e cujo futuro aponta para uma ascensão à condição de deus.

Hércules é uma figura anômala entre os argonautas.¹¹ Em primeiro lugar, a força excessiva o transforma num herói praticamente invencível, capaz

¹⁰ Ainda há os catálogos posteriores às *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (cf. Valério Flaco *Argonáuticas* 1. 352-489, Higino *Fábulas* 14, Apolodoro *Biblioteca* 1. 9.16 e *Argonáuticas Órficas* 118-229).

¹¹ LEVIN, 1971, p. 22, HUNTER, 1993, p. 26 e CLARE, 2002, p. 88-89.

de realizar façanhas sem a necessidade do auxílio dos demais. Seu desempenho pode ser contraposto ao dos outros argonautas (*Arg.* 1. 1161-63),¹² e sua ausência é reiteradamente lamentada pelo restante da tripulação. Segundo um herói anônimo, ele teria facilmente derrotado Ámico, na Bebrícia, antes mesmo de o pugilato ter sido organizado (*Arg.* 2. 145-53). No final desse discurso, afirma-se de modo sentencioso que “cada um de nós / conhecerá a funesta ruína por Héracles estar ausente.”¹³

Quando Eeta surge armado para assistir aos ἄεθλα por ele impostos na Cólquida, Jasão é tomado pelo pavor (*Arg.* 3. 1221-34). De acordo com o poeta, nenhum dos heróis suportaria sequer contemplar as armas do rei, com a exceção de Héracles, pois “ele sozinho combateria num duelo individual”.¹⁴ Sua ausência chega ainda a ser lamentada por Lico, rei dos mariandinos (*Arg.* 2. 774-95), ao afirmar: “Ó caros, de que homem vós perdestes o socorro,/ vós que navegais até Eeta.”¹⁵

Portanto, subjaz a ideia, em todas estas passagens, de que a força excessiva de Héracles seria suficiente para derrotar Eeta e adquirir o velocino de ouro, resultando em êxito para toda a tripulação. Com sua presença, qualquer estratégia ardilosa empregada para o cumprimento dos objetivos da viagem seria desnecessária.

Em segundo lugar, Hera é uma das divindades protetoras da expedição e, ao mesmo tempo, age deliberadamente contra Héracles, enviando os Nascidos da Terra em Cízico para lhe servirem de ἀέθλιον (*Arg.* 1. 996-7).¹⁶ Enquanto a maior parte dos argonautas sobe o monte Díndimo, Héracles é deixado próximo à nau no porto, junto a alguns jovens, quando é surpreendido pelos Nascidos da Terra irrompendo no outro lado da montanha e lançando pedras em sua direção. Estendendo o arco, o filho de Zeus os derruba ao chão em sequência (*Arg.* 1. 994). Somente após essa rápida investida, os demais heróis

¹² DE FOREST, 1994, p. 50.

¹³ μάλα δ' ἡμέων αὐτὸς ἕκαστος / εἴσεται οὐλομένην ἄτην ἀπάνευθεν ἐόντος (*Arg.* 2. 152-53).

¹⁴ τὸ μὲν οὐ κέ τις ἄλλος ὑπέστη / ἀνδρῶν ἠρώων, ὅτε κάλλιπον Ἡρακλῆα / τῆλε παρέξ, ὃ κεν οἶος ἐναντίβιον πολεμίξεν. (*Arg.* 3. 1232-34).

¹⁵ “ὦ φίλοι, οἴου φωτὸς ἀποπλαγχθέντες ἀρωγῆς / πείρειτ' ἐς Αἰήτην τόσσον πλόον. (*Arg.* 2. 774-75).

¹⁶ VIAN, 1974, p. 34, HUNTER, 1993, p. 26 e CLARE, 2002, p. 90.

aparecem e terminam a matança. Devemos notar não somente que as ações dos argonautas afastados são retardadas pelo narrador, mas também que seus nomes permanecem no anonimato, enquanto a presença de Hércules é destacada como fundamental para o sucesso desta tarefa incidental, exclusivamente destinada a ele.¹⁷

Em terceiro lugar, há uma marcante diferença de idade entre Hércules e os demais argonautas, constantemente caracterizados como νέοι (1. 382, 1134; 3. 194, 555; 4. 184, 503).¹⁸ Em *Argonáuticas* 1. 341, este contraste é evidenciado no momento em que Jasão propõe a escolha do líder e todos os νέοι reunidos se voltam a Hércules, sentado no centro. Hunter (1993, p. 15-16) nota que há um número considerável de mitos gregos relacionados com os sofrimentos impostos a jovens antes de ocuparem um lugar na sociedade adulta.¹⁹ A expedição dos argonautas poderia ser compreendida como uma iniciação ou rito de passagem baseado em tarefas a serem cumpridas, cujo sucesso possibilitará a seus realizadores o acesso reconhecido ao mundo adulto. Para o cumprimento da missão, é necessário seguir os conselhos do adivinho Fineu, caracterizado como um homem velho (γέρων, cf. *Arg.* 2. 411) instruindo crianças (τέκος, cf. *Arg.* 2. 420) sobre como agir em cada situação para alcançar o fim almejado. Portanto, Hércules, com um número considerável de façanhas realizadas e interrompendo os ἄεθλα responsáveis pelo renome e pela imortalidade posterior, não encontra espaço nesse grupo formado por rapazes.

Tendo em vista a inadequação de Hércules já comentada, por que Apolônio opta por inseri-lo na expedição e lhe conferir posição central no catálogo de heróis (*Arg.* 1. 23-223)? O narrador organiza esse catálogo de forma bipartida, sendo cada uma das metades encabeçada por uma figura emblemática ao

¹⁷ Este embate deve ser contrastado com a luta entre Jasão e os homens armados que brotam dos dentes de dragão semeados (também chamados de Γηγενέες em *Argonáuticas* 3. 1355, ou seja, Nascidos da Terra). Apesar de Hércules e Jasão lutarem sozinhos contra terríveis oponentes, o Esonida está ungido pelos φάρμακα de Medeia, de modo a se tornar invulnerável e invencível (*Arg.* 3. 1354-404).

¹⁸ Em 1. 408 e 1107; 2. 263 e 495 é empregado o comparativo κούροτεροι.

¹⁹ Segundo HUNTER (1993, p. 15), “a passagem de geração é assegurada pelo cumprimento exitoso de tarefas difíceis. Orestes e Teseu são os dois exemplos mais proeminentes, e os mais relevantes para o Jasão de Apolônio.” Cf. também HUNTER, 1988, p. 448-50 e MOREAU, 1994, p. 117-42.

tema proposto: Orfeu (*Arg.* 1. 23-121) e Héracles (*Arg.* 1. 122-223).²⁰ Segundo Heródoro (31F43 Jacoby), Jasão teria convocado Orfeu por orientação de Quirão, pois seu canto salvaria a tripulação do perigo representado pelas sirenas. Apolônio, igualmente, destaca a perícia de Orfeu em encantar as pedras e a correnteza dos rios com cantos, enquanto os carvalhos selvagens se alinham em sequência sob o som de sua cítara (*Arg.* 1. 26-31). Há, implícito nesta passagem, um elemento de sedução claramente associado à música. O canto de Orfeu põe fim à discussão entre Idas e Idmão, num potencial momento de desintegração da tripulação na partida do porto de Págasas (*Arg.* 1. 492-518). Ao fim da *performance*, todos se encontravam atentos em virtude da sedução do canto (θελεκτὸν ἀοιδῆς, cf. *Arg.* 1. 515). O emprego do termo θελεκτός nos conecta ao verbo θέλω (“encantar”) em suas formas infinitiva (θέλω, cf. *Arg.* 1. 27) e participial (θελόμενος, cf. *Arg.* 1. 31), durante a apresentação de Orfeu no catálogo. O elemento erótico também comporta a ideia de encanto, fato comprovado pela reincidência deste vocábulo no contexto da sedução de Medeia por Jasão. Érato, musa dos cantos eróticos invocada no prefácio do livro 3, justamente tem o poder de encantar (θέλγεις) as virgens indômitas com seus cuidados (*Arg.* 3. 4-5). No Olimpo, Hera e Atena solicitam a Afrodite que incite Eros a alvejar Medeia para encantá-la (θέλω, cf. *Arg.* 1. 28; cf. ainda 86 e 143) no interesse de Jasão. Por fim, as drogas usadas pelo Esonida para imunizá-lo durante os ἄεθλα propostos por Eeta são chamadas de encantatórias (φάρμακα θελεκτήρια, *Arg.* 3. 739, 766 e 820-1).

Contrabalançando a influência de Orfeu, o narrador apresenta Héracles como figura oposta e enfatiza sua esfera de atuação contrária à perícia encantatória: “Nem mesmo a força de Héracles de violentas entranhas,/ pelo que nos informamos, negligenciou o desejo do Esonida.”²¹ Héracles é destacado primeiramente pela força, realçada pelo adjetivo que acompanha seu nome: κρατερόφρων significa “de forte coração” ou, simplesmente, “corajoso”. É o mesmo termo usado por Hesíodo para designar o ânimo violento dos homens da Idade do Bronze (*Trabalhos e dias* 147), cujo interesse estava focado nas

²⁰ CLAUSS, 1993, p. 29-32.

²¹ Οὐδὲ μὲν οὐδὲ βίην κρατερόφρονος Ἡρακλῆος / πευθόμεθ’ Αἰσονίδαο λιλαιομένου ἄθερίξαι. (*Arg.* 1. 122-23).

obras gementes de Ares e nas violências (ἔργα ... στονόεντα καὶ ὕβριες, cf. 146), sendo marcados por grande força e braço invencível (μεγάλῃ δὲ βίῃ καὶ χεῖρες ἄπτοι, cf. 148).

Em conformidade com a βίη destacada, o herói surge portando nas costas um javali vivo, um de seus doze trabalhos. O ingresso na expedição ocorre por vontade própria (*Arg.* 1. 130), tendo como objetivo tornar-se glorioso (εὐκλειεῖς, cf. *Arg.* 1. 869). O κλέος de Hércules não decorre de sua participação na missão, pois as façanhas que lhe possibilitarão ascender ao plano divino serão os doze ἄεθλα, e não a busca pelo velocino, empreitada vetada a ele pelos desígnios de Zeus (cf. *Arg.* 1. 1315-20). Por conseguinte, sua inclusão na narrativa das *Argonáuticas* enfatiza a oposição com os demais companheiros em dois sentidos. Em primeiro lugar, ele integra a expedição deliberadamente, e essa determinação o opõe a Jasão, o ὄρχαμος da tripulação, cuja tarefa imposta por Pélias é lamentada em diversas circunstâncias.²² Em segundo lugar, é delineada uma oposição entre dois modos de ação conflitantes no poema. A representação de Hércules portando o javali de Erimanto serve como paradigma de seu *modus operandi* característico nas *Argonáuticas* e o distingue da ação baseada na perícia, representada no catálogo por Orfeu.

Esses dois modos de ação distintos, ilustrados por Orfeu e Hércules em cada uma das metades do catálogo, são também contrapostos na segunda cena da ἔκφρασις do manto de Jasão (*Arg.* 1. 735-41). A imagem descreve a construção de Tebas por Anfião e Zeto através de diferentes habilidades. Enquanto Zeto porta sobre os ombros o cume de uma montanha, Anfião caminha tocando a cítara – o mesmo instrumento associado a Orfeu – e as pedras seguem seus passos. Segundo o escoliasta de *Argonáuticas* (Σ 1. 740-41a), o poeta pretende demonstrar “a virtude da música e da boa instrução” (τὴν τῆς μουσικῆς καὶ τὴν τῆς εὐπαιδευσίας ἀρετὴν) contra “o uso da virilidade irracional” (τὴν ἄλογον ἀνδρίαν), já que Zeto, apesar de exausto, pouco material trouxera para a construção, enquanto Anfião obtivera mais êxito. A cena opõe de modo explícito os empregos da força e da perícia e revela um posicionamento favorável ao segundo, antecipando uma escolha temática que será feita no decorrer da narrativa.

²² *Argonáuticas* 1. 840-41e 901-3; 3. 388-90.

A predisposição de Héracles para agir sozinho é outra marca distintiva que o distancia da ação deliberativa e conjunta por parte dos demais membros da expedição. Isso se deve à sua força descomunal sem comparação com nenhum outro argonauta. A luta de Héracles contra os Nascidos da Terra ilustra isso, sendo sucedida pelo combate noturno entre os dolíones e os helenos. Depois de serem recebidos hospitaleiramente em Cízico, os heróis partem com o tempo favorável, mas, durante a noite, uma tempestade os obriga a retornar à terra de onde haviam saído. Não percebendo tratar-se do mesmo local, pressupuseram que os soldados ao redor fossem membros do exército dos pelagos e acabaram entrando em confronto com eles. Os dolíones também não reconheceram seus hóspedes e os atacaram. Nenhum argonauta se feriu no embate, todavia muitos dolíones morreram, e os sobreviventes fugiram apavorados (*Arg.* 1. 1015-52). Esse episódio rememora cenas de batalha frequentemente narradas na *Iliada*, embora raramente incluídas nas *Argonáuticas*. O rei Cízico encontrava-se entre as vítimas, abatido por Jasão por conta do destino que lhe fora atribuído (*Arg.* 1. 1030-39).

É possível pressupor um paralelo entre a luta contra os Nascidos da Terra e o confronto com os dolíones.²³ As principais personagens de cada gesta – ambos surpreendidos pelo inimigo – seriam Héracles e Jasão. Por um lado, o herói solitário defende a nau contra as pedras lançadas por seres monstruosos, sendo capaz de aniquilar os oponentes sem o auxílio de nenhum outro guerreiro. Por outro lado, o líder da expedição, em conjunto com o restante do grupo, combate um exército de aliados, fato que provoca o assassinato do rei, o suicídio da rainha e o luto à população local. Ao justapor ambas as ações heroicas em sequência, o poeta pretende enfatizar diferenças entre seus principais agentes.

Para Lawall (1966, p. 125), a caracterização excessiva de Héracles seria proposital. O narrador pretenderia opô-lo, como parte de um contexto mítico repleto de feitos sobrenaturais, a uma suposta representação de “realidade” esboçada pelos demais heróis. Tal afirmação é bastante duvidosa, sobretudo porque os membros da tripulação, com seus dons específicos, se distanciam do que Lawall entende como “homens comuns”. Orfeu encanta as pedras e os rios com seus cantos (*Arg.* 1. 26-7), Linceu possui olhares penetrantes capazes de alcançar enormes distâncias (*Arg.* 1. 153-55), Periclímeno assume a forma

²³ CLAUSS, 1993, p. 160-67.

desejada no ardor da batalha (*Arg.* 1. 156-60), Eufemo detém pés velozes que lhe possibilitam caminhar sobre o oceano sem imergir (*Arg.* 1. 182-84), Zeta e Calais, dotados de asas plumadas, conseguem voar (*Arg.* 1. 644-48) e, finalmente, Etálide tem como lote viver alternadamente entre os mortos e os vivos (*Arg.* 1. 644-48). Apesar de tantas habilidades serem anunciadas, sobretudo, no catálogo de heróis, parte delas não é utilizada em momento algum da narrativa.

Ao caminharem sedentos pelo deserto da Líbia, os argonautas atingem a região das Hespérides onde eram guardados os pomos de ouro (*Arg.* 4. 1393-1536). Orfeu roga às ninfas que lhe indiquem uma nascente para saciarem a sede, e Egle informa que um homem chegara àquela região um dia antes, matara a serpente protetora e roubara os pomos de ouro. O assassino é considerado o mais funesto tanto em comportamento excessivo quanto em estatura (ὄλοώτατος ὕβριν καὶ δέμας, *Arg.* 4. 1436-37) e impiedoso (νηλῆς, cf. *Arg.* 4. 1436). A descrição da vestimenta e da arma não suscita dúvidas sobre sua identidade: a pele de leão não curtida, a clava feita com um tronco de oliveira e o arco com flechas envenenadas são as insígnias de Hércules (*Arg.* 4. 1438-40).²⁴ Após assassinar a serpente guardiã, ele partiu à procura de água e encontrou um rochedo próximo ao lago Tritônide. Ao golpeá-lo com o pé, a água começou a jorrar em abundância. Segundo Egle, o herói bebia do curso d'água com as mãos e os pés apoiados no solo, em grandes goles, até saciar o vasto ventre como um animal no pasto (*Arg.* 4. 1447-49). O caráter de Hércules nesta cena é duplo, pois, ao mesmo tempo, ele é o salvador dos argonautas, disponibilizando água corrente, e a figura monstruosa descrita pela ninfa como funesta, excessiva e impiedosa.²⁵

Ao encontrarem o rochedo vertendo água, os argonautas o circundam, equiparados a formigas fendendo a terra ou a moscas ao redor de poucas gotas do doce mel (*Arg.* 4. 1452-55). Se o exagero marca a sede descomunal de Hércules, comparado a um animal de grande porte com ventre avantajado, a moderação caracteriza os demais heróis, assemelhados a insetos pequenos rodeando um líquido que jorra escassamente.

²⁴ Os próprios heróis constataam tratar-se de Hércules em *Argonáuticas*. 4. 1458-1460.

²⁵ cf. STEPHENS, 2000, p. 212-13.

Os excessos de Héracles também estão relacionados com a sexualidade. Embora várias narrativas preservadas na literatura grega associem o herói a uniões com mulheres, a primeira aventura dos argonautas, em Lemno, destoa desses relatos. A tripulação é recebida pelas lemnienses de modo hospitaleiro, estabelece um vínculo sexual com elas e permanece na ilha por certo tempo, interrompendo a viagem rumo à Cólquida. Cípris suscita nos homens o desejo de se alojarem em Lemno e engendram uma futura geração (*Arg.* 1. 850-52). Todavia, Héracles não participa desse enlace amoroso, sendo deixado próximo à nau por vontade própria junto a alguns poucos companheiros (*Arg.* 1. 854-55). A maior parte dos argonautas cede ao desejo, mas as reprimendas de Héracles fazem com que retornem ao objetivo da expedição, segundo o escoliasta, graças à natureza forte e moderada do herói (καὶ πρὸς τὴν κρατερὰν καὶ σὺφρονα φύσιν τοῦ ἥρωος).²⁶ A descrição de um Héracles prudente e casto contradiz sua representação costumeira na poesia grega, conferindo-lhe um caráter antagônico dotado de excesso na força e de moderação nos costumes.²⁷

Os argonautas são censurados por virem a uma terra longínqua para desposarem mulheres estrangeiras e insultarem as helenas. O afastamento da missão não lhes concederá κλέος, nem fará o velocino chegar até eles por si só. O alvo principal das palavras de Héracles é Jasão, a quem são destinados os três últimos versos do discurso: “Retornemos cada um à própria casa e na

²⁶ cf. Σ *Arg.* 1. 855.

²⁷ A percepção de Héracles como moderado possui vínculos com a narrativa de Pródico, segundo a qual o jovem Héracles teve de escolher entre seguir o caminho de Vício ou o da Virtude (cf. Xenofonte *Memoráveis* 2. 1. 21-34). Se a trilha do Vício é repleta de iguarias, bebidas, prazeres, pilhagem e repouso, a da Virtude pressupõe o sofrimento (πόνος) e a preocupação (ἐπιμέλεια) para a obtenção do κλέος. De modo semelhante, o verbete Ἡρακλῆς, no *Suda* (cf. η 475) apresenta uma leitura alegórica do roubo dos pomos de ouro, em que a serpente guardiã simboliza o desejo, a clava representa a filosofia, a pele de leão constitui a meditação e as três maçãs são as três virtudes supremas, ou seja, a ausência de irritação, o desapego às riquezas e o desprezo pelos prazeres. A filosofia torna Héracles um exemplo de austeridade. Segundo Ardizzoni (1967, p. 212-13), “é exibida a imagem de um Héracles austero, concebido por Apolônio em harmonia com o Héracles de Pródico, de Antístenes, de Aristóteles, talvez se baseando no logógrafo Heródoro de Heracleia, autor de um λόγος καθ’ Ἡρακλέα, no qual o protagonista era representado como um modelo ideal, como o símbolo da humanidade industriosa que anseia pela virtude.” HUNTER, 1993, p. 34-5, por sua vez, considera que a σωφροσύνη de Héracles exibida no episódio de Lemno possui um sentido irônico, pois contradiz a fertilidade do herói pelo Mediterrâneo.

cama / de Hipsípyle abandonemos Jasão por todo o dia, até que / povo e Lemno com filhos homens e obtenha grande fama.”²⁸

A autoridade de Hércules restaura a missão,²⁹ lembrando o apelo feito pelos companheiros de Odisseu para abandonar Circe e retornar a Ítaca (*Od.* 10. 469-74). Nos dois casos, o líder é censurado pelos subordinados, e a navegação é retomada após a reprimenda. No entanto, se na *Odisseia* os companheiros constituem um grupo anônimo, nas *Argonáuticas* o censor é Hércules, considerado o melhor dos argonautas (cf. *Arg.* 1. 338 e 1285) e dotado de qualidades que lhe outorgariam a liderança, caso a desejasse. Apesar de Jasão estar no comando, Hércules ainda detém a autoridade sobre os demais.

No episódio da Mísia, o poeta pode explorar elementos contraditórios na construção do ἥθος de Hércules e fazer com que o herói não se recorde da prudência e da austeridade demonstradas a seus pares em Lemno. Ao desembarcar em terra firme, o filho de Zeus aconselha os companheiros a se alimentarem enquanto ele próprio vai procurar algo para substituir o remo quebrado (*Arg.* 1. 1187-89). Polifemo escuta os gritos de Hílas ao ser raptado por uma ninfa aquática e, após vasculhar o local em sua procura, informa Hércules sobre o desaparecimento do escudeiro. Ao ouvir o relato, o herói começa a suar em excesso e um sangue negro borbulha em suas entranhas, configurando claros indícios de descontrole (*Arg.* 1. 1261-62). Ele passa, então, a correr sem rumo certo, bradando pelo nome do pupilo, como um boi mugindo ao ser alvejado por uma mosca (*Arg.* 1. 1265-72). Semelhante imagem é descrita em *Argonáuticas* 3. 275-77, quando Eros, ao se preparar para atingir Medeia com um dardo, é comparado a um tavão. A agitação causada pelo rapto decorreria de um provável vínculo entre Hércules e Hílas, configurado como um relacionamento entre ἐραστής e ἐρώμενος. No entanto, o relato de Apolônio não explora explicitamente essa leitura, como fazem as versões de Teócrito, no *Idílio XIII*, e de Valério Flaco, nas *Argonáuticas*.³⁰

²⁸ ἴομεν αὐτίς ἕκαστοι ἐπὶ σφεά· τὸν δ' ἐνὶ λέκτροις / Ὑψιπύλης εἶατε πανήμερον, εἰσόκε Λημόν / παῖσιν ἐπανόρωση, μεγάλη τέ ἐ βάξις ἔχησιν. (*Arg.* 1. 872-74).

²⁹ DE FOREST, 1994, p. 58.

³⁰ Cf. De Forest (1994, p. 63). Dentre os autores que defendem a existência de um relacionamento erótico entre Hércules e Hílas, cf. BEYE, 1982, p. 94-6, HUNTER, 1993, p. 38-40 e CLAUSS, 1993, p. 185-96. Há também narrativas que atribuem a Hércules a paternidade

O desinteresse momentâneo pela viagem e o anseio desesperado por encontrar o escudeiro sem o auxílio dos outros homens marcam a saída de Hércules da viagem. Pressupondo que o desejo desencadearia o comportamento do herói na Mísia, o narrador estaria ironizando os modos castos exibidos em Lemno. Sua renúncia à influência de Cípris assegura a continuidade da navegação. Posteriormente, essa mesma influência seria responsável por seu abandono, vítima das afecções que ele próprio reprochara.

Tendo em vista a discussão desenvolvida neste artigo, é possível justificar com alguma clareza os motivos que levaram Jasão a ocupar a liderança da expedição. Os companheiros foram unânimes ao escolher Hércules para o comando, por ser ele consensualmente considerado ἄριστος (*Arg.* 1. 338). A mesma caracterização é fornecida pelo narrador, no momento em que os argonautas percebem o abandono do herói na Mísia: “Uma violenta discórdia surgiu entre eles, um tumulto / infindável por partirem tendo deixado para trás o melhor / de seus companheiros.”³¹

Está subentendida uma associação entre o conceito de melhor e a ideia de mais forte, inegavelmente conectada a Hércules por todo o poema. Como já foi comentado, esse sentido de ἄριστος decorre de uma tradição iliádica segundo a qual a excelência do herói é medida pelas proezas bélicas executadas no campo de batalha. Ao propor a seleção do líder, Jasão acrescenta um sentido distinto a este termo, inviabilizando a escolha de Hércules para tal função. A ideia da expedição como algo comum a todos os participantes (cf. *Arg.* ξυνός 1. 336) é igualmente defendida por Jasão em seu primeiro discurso ao chegarem à Cólquida, exortando os companheiros a deliberarem sobre os modos de cumprirem a missão (cf. *Arg.* 3. 171-76). Essa fala enseja um debate sobre a natureza e a qualificação do líder, elementos que devem ser examinados para uma escolha adequada. Portanto, não se trata de selecionar o ἄριστος em sentido iliádico, mas de optar pelo melhor herói a exercer a liderança nas circunstâncias exigidas pela expedição.

sobre Hílas (cf. Sócrates de Argos 310F10 Jacoby).

³¹ ἐν δὲ σφιν κρατερὸν νεῖκος πέσειν, ἐν δὲ κολῳός / ἄσπετος, εἰ τὸν ἄριστον ἀποπρολιπόντες ἔβησαν / σφωιτέρων ἐτάρων. (*Arg.* 1. 1284-6).

O ὄρχαμος deve se preocupar com cada detalhe (τὰ ἕκαστα, cf. *Arg.* 1. 339) e com a salvação de cada membro da tripulação (*Arg.* 1. 339 e 461). Como bem afirma o Esonida após a passagem pelas Simplégades, a continuidade da navegação o assusta e traz preocupações, pois ele teme pela vida de todos, com os quais, salvos, pretende retornar à Grécia (*Arg.* 2. 631-37). Hércules é um herói que age independente de auxílio alheio, e sua robusta força o capacita a prescindir dos companheiros. A reação ao desaparecimento de Hílas, na Mísia, comprova seu “individualismo” (*Arg.* 1. 1261-72), tornando-o inadequado para exercer a liderança num contexto no qual a preocupação com o coletivo é uma exigência para o bom desempenho da missão.

Por fim, o ὄρχαμος deve ser hábil em realizar “disputas e pactos” (νείκεα συνθεσίας τε, cf. *Arg.* 1. 340) com os estrangeiros. É necessária uma postura diplomática por parte do líder (cf. *Argonáuticas* 4. 340 e 378.), como exibirá Jasão durante a viagem. O combate armado acaba se tornando a última alternativa viável, só executada quando toda forma de negociação não surte o efeito almejado (cf. *Arg.* 3. 177-90).

A condição de ἄριστος Ἀργοναυτῶν pressupõe o emprego da perícia e do ardil - associados ao conceito de μητις - pelo bem do grupo, ao contrário do emprego imediato e individual da violência. Na medida em que Hércules concede a Jasão o κῦδος de chefiar a expedição (*Arg.* 1. 345-47), o tema da μητις acaba se destacando sobre o modo de ação baseado na força, e o abandono de Hércules, no final do livro 1, se coaduna a esta leitura.³² Até o final do poema, sua ausência será constantemente lamentada, mas seu modo de ação não será seguido. Apesar de Jasão não agir de modo μεγαλοφρόνως como Ajax, mas se encontrar quase à periferia deste conceito, ainda assim nenhuma personagem seria mais adequada que ele próprio para exercer a liderança da nau Argo e ser, portanto, considerado o melhor dos argonautas.

³² Devemos notar que Hércules não se vale exclusivamente da violência, mas também sabe fazer uso de artimanhas em alguns contextos, como no caso das aves do lago Estínfalo (*Arg.* 2. 1052-57).

Referências

- ADLER, Ada. *Suidae Lexicon*. Stuttgart: Teubner. 1967-1971.
- ALLEN, Thomas; MONRO, David B. *Homeri Opera*. Tomus 1. Iliadis libros I-XII. Oxford: Clarendon Press, 1920.
- _____. *Homeri Opera*. Tomus 2. Iliadis libros XIII-XXIV. Oxford: Clarendon Press, 1920.
- ALLEN, Thomas. *Homeri Opera*. Tomus 3. Odysseae libros I-XII. Oxford: Clarendon Press, 1917.
- _____. *Homeri Opera*. Tomus 4. Odysseae libros XIII-XXIV. Oxford: Clarendon Press, 1919.
- APOLLONIUS RHODIUS *Argonautica*. Translated by William H. Race. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- APOLLODORUS *The Library*. Translated by James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1921.
- ARDIZZONI, Anthos. *Apollonio Rodio Le Argonautiche: Libro I. Testo, Traduzione e Commentario*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1967.
- BEYE, Charles Rowan. Jason as Love Hero in Apollonius' *Argonautika*. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, 10: 31 – 55, 1969.
- _____. *Epic and Romance in the Argonautica of Apollonius Rhodius*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1982.
- BOWRA, Cecil Maurice. *Pindari Carmina*. Oxford: Clarendon Press, 1935.
- CARSPECKEN, John Frederick. Apollonius Rhodius and the Homeric Epic. *Yale Classical Studies*, 13: 35 – 143, 1952.
- CLARE, Ray J. *The Path of the Argo*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- CLAUSS, James Joseph. *The Best of the Argonauts: The Redefinition of the Epic Hero in Book 1 of Apollonius' Argonautica*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- DE FOREST, Mary Margolies. *Apollonius' Argonautica: A Callimachean Epic*. Leiden: E. J. Brill, 1994.
- FRÄNKEL, Hermann. *Apollonii Rhodii Argonautica*. Oxford: Clarendon Press, 1961.

- GALINSKY, G. Karl. *The Herakles Theme: the Adaptations of the Hero in Literature from Homer to the Twentieth Century*. Oxford: Blackwell, 1972.
- GOW, Andrew Sydenham Farrar. *Bucolici Graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1952.
- HOMERO *Iliada* (trad. de Frederico Lourenço). Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- HUNTER, Richard Lawrence. 'Short on Heroics': Jason in the *Argonautica*. *Classical Quarterly*, 38: 463 – 453, 1988.
- _____. *Apollonius of Rhodes*. Argonautica Book III. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. *The Argonautica of Apollonius: Literary Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JACOBY, Felix. *Die Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden: E. J. Brill, 1923-1958.
- LAWALL, Gilbert. Apollonius' *Argonautica*: Jason as Anti Hero. *Yale Classical Studies*, 19: 121 - 169, 1966.
- LEVIN, Donald Norman. *Apollonius' Argonautica Re-examined: the Neglected First and Second Books*. Leiden: E. J. Brill, 1971.
- LONGINUS. *On the Sublime*. Edited with introduction and commentary by Donald Andrew Russell. Oxford: Oxford University Press, 1964.
- MATTHEWS, Victor J. *Antimachus of Colophon*. Text and Commentary. Leiden: E. J. Brill, 1996.
- MOREAU, Alain. *Le Mythe de Jason et Médée*. Le Va-nu-pied et la Sorcière. Paris: Les Belles Lettres 1994.
- NAGY, Gregory. *The Best of the Achaeans*. The Concept of the Hero in the Archaic Greek Poetry. London: Johns Hopkins University Press, 1986.
- ROSS, William David. *Aristotelis Politica*. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- SOLMSEN, Friedrich. *Hesiodi Theogonia, Opera et Dies, Scutum*. With selected fragments edited by R. Merkelbach and Martin Litchfield West. Oxford: Clarendon Press, 1970.
- STEPHENS, Susan A. Transculturation and Identity in the *Argonautica*. In: HARDER, M. Annette; REGTUIT, Remco F.; WAKKER, Gerry C. (eds.) *Apollonius Rhodius (Hellenistica Groningana IV)*. Groningen: Peeters, 2000.

VALERIUS FLACCUS *Argonautica*. Translated by John Henry Mozley. Cambridge: Harvard University Press, 1936.

VIAN, Francis. ΙΗΣΩΝ ΑΜΗΧΑΝΕΩΝ. In LIVREA, Enrico et PRIVITERA, G. Aurelio. *Studi in Onore di Anthos Ardizzoni*. Roma: Edizioni dell' Ateneo, 1978.

XENOPHON *Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology*. Translated by E. C. Marchant and O. J. Todd. Cambridge: Harvard University Press, 1923.

ZANKER, Graham. The Love Theme in Apollonius Rhodius' *Argonautica*. *Wiener Studien*, 92: 52 - 75, 1979.

_____. *Realism in Alexandrian Poetry*. A Literature and its Audience. London: Croom Helm, 1987.

HERACLES AND THE HEROISM IN APOLLONIUS RHODIUS' ARGONAUTICA

ABSTRACT

This paper intends to discuss the presence of Heracles as a character in the *Argonautica* of Apollonius Rhodius and how it is related to the theme of heroism. The different strategies of describing Jason and Heracles will be compared in a way that we may discern which one would be more adequate to keep the leadership of the crew and be considered the best of the Argonauts.

KEYWORDS: *Argonautica*; Apollonius Rhodius; heroism.

